

**O ESPORTE E AS LUTAS ANTICOLONIAIS
NAS COLÔNIAS PORTUGUESAS NA ÁFRICA:
AMÍLCAR CABRAL**

VICTOR ANDRADE DE MELO*

Introdução

Estudos como os de Ranger (1987), Martin (1995), Fair (2004), Giullianotti (2010) e Vidacs (2010) argumentam que, no continente africano, se de um lado a prática esportiva foi utilizada por regimes coloniais como ferramenta de diferenciação social e de disciplinarização dos nativos, de outro foi apreendida como alternativa para expressar discordâncias com o poder constituído, notadamente por sua visibilidade e capacidade de aglutinar, ao mesmo tempo em que parecia menos suspeita por não pertencer ao grupo das óbvias atividades políticas.

Da mesma forma, no cenário pós-independência, em muitos países africanos o esporte parece ter desempenhado um papel significativo na constituição da ideia de nação: “a existência da seleção nacional de futebol estabeleceu, em alguns casos pela primeira vez, uma identidade nacional independente das identidades locais, tribais ou religiosas” (HOBSBAWM, 2007: 95).

Nesse aspecto em particular, há que se fazer uma ressalva. Para alguns autores, no âmbito esportivo, não necessariamente identidade étnica e identidade nacional se rivalizam. Vale ter em conta o alerta de Vidacs:

Baseada em minhas pesquisas sobre Camarões, acredito que sentimentos nacionais e étnicos possam coexistir e se relacionam de forma dialética. No entanto, há muito trabalho a ser feito, em diferentes países da África, para mapear variações no tema da formação de identidade através do esporte (2010: 38).

De qualquer maneira, se um instrumento fundamental para a consolidação das nações foi o forjar de heróis e se, em muitos países do continente africano, esses inicialmente foram os de caráter político, envolvidos com os movimentos de independência, a esses logo se seguiram os atletas. O esporte providenciou às jovens nações tanto elementos discursivos exógenos (reconhecimento internacional por um meio não “oficial”, mas altamente visível) quanto endógenos:

A partir dos anos 1970, atletas africanos tornaram-se símbolos de identidade nacional (...). Eles eram altamente visíveis, e com a vantagem adicional de que sua fama apolítica não poderia ser contestada. Ainda mais que os heróis políticos, os atletas representavam um tipo de sucesso que estava ostensivamente apresentado como de alcance a um grande número de jovens africanos (Baker, 1987: 273).

O envolvimento de líderes e militantes de movimentos políticos de contestação com o esporte também pode ser encontrado nas colônias portuguesas na África, como demonstram os estudos de Melo (2011), Bittencourt (1999; 2010) e Domingos (2006; 2010). Entre esses, podemos destacar Amílcar Cabral.

Considerando a importância do líder africano, um dos principais nomes das lutas pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde e um dos mais destacados intelectuais africanos do pós-Segunda Grande Guerra, esse artigo tem por objetivo discutir o envolvimento de Amílcar Cabral com o esporte.

Esse estudo pretende tanto lançar outro olhar para as tensões coloniais quanto contribuir para melhor desvendar o uso de estratégias culturais no processo de construção da ideia de nação nos países africanos, tendo como estudo de caso o esporte em uma ex-colônia de Portugal.

Amílcar Cabral e o esporte: experiência pessoal e estratégia de luta

Filho de caboverdianos, nascido na Guiné portuguesa (em 1924), com oito anos Amílcar chegou a Cabo Verde, acompanhando seu pai, Juvenal Cabral, personagem de certa proeminência na história do arquipélago, que retornava à sua terra natal. Sua mãe, Iva Évora, já tendo desfeito o casamento, somente voltaria dois anos depois, após ter resolvido alguns problemas em Bissau.

Se parece inegável a influência do pensamento paterno na trajetória de Amílcar, é inestimável a contribuição materna: Iva foi a verdadeira responsável por encaminhá-lo e estimulá-lo a frequentar instituições formais de ensino (TOMÁS, 2008: 26).

Desde o tempo em que fora aluno de destaque no importante Liceu Gil Eanes (Mindelo, Ilha de São Vicente), o futuro líder esteve envolvido com agremiações esportivas e associações juvenis, nas quais começou a tomar consciência da situação das colônias. Bom jogador de futebol, era apaixonado pelo esporte em geral, como seu irmão Luis Cabral, primeiro presidente da Guiné-Bissau independente, na juventude atleta de voleibol.

Em 1945, Amílcar se deslocou para Lisboa, para estudar, como bolsista, no Instituto Superior de Agronomia. Por lá esteve envolvido com as atividades da Casa dos Estudantes do Império, do Clube Marítimo Africano, da Casa de África e do Centro de Estudos Africanos, instituições nas quais se formou uma parte importante das lideranças das lutas anticoloniais¹. Como lembra Tomás: “aberto, simpático e desenvolto, integrou-se igualmente com bastante facilidade no meio social do seu Instituto” (TOMÁS, 2008: 60).

Cabral era presença constante nos eventos esportivos, se destacando nas diversas equipes de futebol que integrou. A sua paixão pelo esporte pode ser vista na caricatura realizada por um colega de turma, José Carlos Sousa Veloso, publicada no livro de final de curso (1945-1946) do Instituto Superior de Agronomia: é retratado de uniforme, meióes e chuteiras; nas mãos tem livros de Engels, Lênin e Dostoievski; seu amor por Cabo Verde é explicitado por suas lágrimas caindo sobre a representação do arquipélago em um globo².

Desde que regressou à Guiné portuguesa, em 1952, na condição de engenheiro agrônomo a serviço do Ministério do Ultramar de Portugal, Amílcar se mobilizou para criar um clube esportivo para os naturais da colônia, vislumbrando que a agremiação deveria investir na elevação do nível cultural dos associados. Em 1954, funda o Clube Desportivo e Recreativo de Bissau. Nas suas palavras:

Antes de darmos início à luta armada, decidimos criar organizações africanas. Em 1954 começamos por criar organizações recreativas, já que era impossível nessa altura dar-lhes um caráter político. Isso foi importante não por causa da ideia de criar uma associação, mas porque o colonialismo não o permitiu, o que provou às grandes massas de jovens que se tinham entusiasmado por esta ideia, que sob o domínio português os africanos não tinham quaisquer direitos. Isso deu-nos mais coragem para outras ações, para difundir outras ideias e para fazer avançar a luta (Aud MELO, 1974: 161).

O clube fora concebido como uma estratégia para gerar um espaço para a realização de atividades políticas, em um momento em que estava restrita a possibilidade de reunião. Tinha também a intenção de garantir o que Cabral compreendia ser um direito básico de todos: o acesso a práticas esportivas, recreativas, artísticas. Amílcar, enfim, enxergava a

¹ Para mais informações sobre essas instituições, ver Bittencourt (1999) e Melo (2011).

² Acervo da Fundação Mário Soares/Lisboa. Disponível em <http://www.fmsoares.pt/aeb/Dossier01/documentos/expo02/1.htm>. Acessado em: 24 de maio de 2010. É possível também que as lágrimas estejam imitando a chuva, uma referência a um de seus trabalhos sobre a seca em Cabo Verde.

iniciativa como uma alternativa para despertar a consciência da população para sua condição colonial, para conclamá-la a participar mais ativamente de ações de contestação.

Essa foi, na verdade, uma estratégia política comum na trajetória de Amílcar Cabral: “formar pequenos grupos para discutir diversos assuntos culturais, relacionados com a literatura e poesia, por exemplo, e, ao mesmo tempo, ir destacando os elementos mais conscientes para, numa fase posterior, desenvolver um trabalho mais político e mais arriscado” (TOMÁS, 2008: 88).

Comumente, ao conclamar a juventude a participar dos movimentos anticoloniais, explicitava sua visão acerca da importância do esporte como estratégia de aglutinação, que precisa, contudo, depois ser superada com outro tipo de envolvimento:

Nessa grande batalha da justiça contra a injustiça, a juventude guineense e caboverdiana tem de desempenhar um papel importante. E é por isso que a nossa juventude se organiza cada vez mais, abandona o campo de futebol ou de basquetebol e todos os divertimentos fáceis, para se preparar cuidadosamente para, no campo de batalha, empregar todas as suas forças, toda a sua inteligência, pela vitória da causa de nossos povos (CABRAL, 1977: 17).

Essa postura era coerente com a sua ideia de que a cultura popular deveria formar a base para a luta anticolonial. Para ele, inclusive, não se tratava de negar, mas sim de reavaliar as bases culturais coloniais, as utilizando para fins de contraposição, de construção de uma nova ordem social. Como lembra Fernandes: “Em Cabral, os traços de cultura são reinterpretados e cotejados com as necessidades concretas de inserção universal do homem africano” (2006: 201).

No caso do futebol, antes mesmo da iniciativa de criação do Desportivo e Recreativo de Bissau, Cabral já se oferecera e atuara como técnico de equipes locais da Guiné, vislumbrando uma possibilidade de aliar o prazer dos envolvidos com o esporte com a organização das lutas anticoloniais. Na verdade, como o grupo inicial de engajados com suas propostas era formado majoritariamente por caboverdianos, tratava-se também de uma alternativa para buscar maior proximidade com os guineeses. Abílio Duarte lembra que:

O Cabral destinou-me ao Sporting, que era o clube mais anti-caboverdiano naquela altura. Entretanto, as coisas foram andando...Do meu lado, quebrei a vidraça da cachupa: acabei por estabelecer um relacionamento profundo com os guineenses, sem romper contudo os meus laços com os caboverdianos. Havia um casulo em que os caboverdianos viviam. Formavam um mundo à parte, só seu (apud LOPES, 2002: 48).

Aristides Pereira também lembra que, até por não haver possibilidades de falar sobre política, se interessava muito: “pela camada jovem guineense, principalmente desportistas, e procurava inculcar-lhes o gosto e a necessidade de aprender para além da instrução primária a que estavam confinados por lei” (2003: 79).

O futebol foi, portanto, uma das estratégias perspectivadas para tentar romper as desconfianças históricas que existiam entre caboverdianos e guineenses, o que não era de se estranhar já que muitos originários do arquipélago ocuparam postos ligados à administração da Guiné. Os nativos, na sua própria terra, sequer podiam frequentar os mesmos espaços que os caboverdianos, que não estavam submetidos às restrições estabelecidas pelo governo metropolitano aos “indígenas”.

O testemunho de Aristides Pereira ajuda a ampliar a compreensão e perceber os limites dessa alternativa de aproximação. Ao comentar a primeira viagem que fez à Guiné, afirma: “estive em Bissau de uma semana a dez dias, ‘encostado’ em quarto de amigos caboverdianos – jovens, principalmente futebolistas, que nos últimos tempos tinham sido atraídos pelas boas condições de emprego na Guiné” (PEREIRA, 2003: 74).

Desde o momento em que o esporte começou a melhor se estruturar na Guiné, no período em que Sarmiento Rodrigues esteve como governador geral (1946 a 1949), começou a tornar-se comum que jogadores caboverdianos integrassem as equipes locais de futebol: eram contratados com bons salários por empresas por lá estabelecidas, gozando de alguns privilégios para participar dos jogos e treinos. Uma foto da seleção provincial da colônia, de 1954, demonstra que era formada majoritariamente por atletas originários do arquipélago³.

Essa grande presença de caboverdianos nas equipes da Guiné não poucas vezes acirrou as rivalidades. Pereira, todavia, minimiza essas tensões, ainda que reconheça que nos campos de futebol se percebiam as clivagens sociais:

Havia a UDIB (União Desportiva Internacional de Bissau), conhecida por agrupar o que se dizia a elite de Bissau, quer dizer, brancos; o Benfica, enquadrado por colonos benfiquistas, mas tido como clube dos caboverdianos, por ter muitos jogadores recrutados em Cabo Verde; o Sporting, também enquadrado por portugueses, particularmente pelos irmãos Peralta (...), que se esforçavam para dar uma conotação nativista ao clube (PEREIRA, 2003: 77).

³ Disponível em: <http://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2010/08/guine-6374-p6853-futebol-e-nacionalismo.html>. Acessado em: 27 de setembro de 2010. Vemos na foto que Júlio de Almeida, um dos fundadores do Partido Africano pela Independência da Guiné e de Cabo Verde, atuava como goleiro nessa equipe.

Para Pereira, essas diferenças se manifestavam nos dias de jogos, mas as rivalidades não extravasavam para outros espaços, havendo mesmo certa harmonia entre caboverdianos e guineenses no cotidiano. De acordo com o seu olhar, as principais tensões eram observáveis entre as diversas etnias da Guiné.

De qualquer forma, vale observar que não foram exatamente tranquilas as reuniões que prepararam a fundação do Desportivo e Recreativo de Bissau. Um dos pontos de tensão foi exatamente a desconfiança que havia entre os caboverdianos e os guineenses. Uma polêmica final se deu quando Cabral sugeriu que não assinasse o pedido de autorização do funcionamento do clube, para não ser identificado como um dos líderes da iniciativa. Isso foi encarado por muitos guineenses como um ato de covardia, o que chegou a decepcioná-lo, por achar que já estava clara a sinceridade de sua motivação política (TOMÁS, 2008: 74).

Ainda que nascido na Guiné, Cabral era mais identificado como caboverdiano, além de ser funcionário do governo metropolitano e de ter um padrão de vida mais elevado; efetivamente, tratava-se de alguém suspeito. Muitos não acreditavam que fosse aderir aos combates anticoloniais. No decorrer do tempo, inclusive, várias foram as críticas ao fato de que com frequência viajava para divulgar a causa e conseguir apoios, algo que, de fato, foi fundamental para o sucesso do movimento.

Mesmo que supostamente disfarçado o aspecto político, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) não tardou a desconfiar da iniciativa de criação do Desportivo e Recreativo de Bissau:

o Engenheiro Amílcar Cabral e a sua mulher comportaram-se de maneira a levantar suspeitas de atividades contra a nossa presença nos territórios de África com exaltação de prioridade de direitos dos nativos e, como método de difundir as suas ideias por meios legalizados, o Engenheiro pretendeu e chegou a requerer juntamente com outros nativos, a fundação de uma agremiação desportiva e recreativa de Bissau, não tendo o Governo autorizado⁴.

O órgão de segurança identificou que os envolvidos com a criação da agremiação faziam parte de movimentos contrários à condição colonial:

eram anti-situacionistas o João Vaz, ajudante de mecânico, de 33 anos, natural de S. Tomé; Carlos António da Silva Semedo Júnior, de 21 anos, estudante, a estudar em Lisboa; Pedro Mendes Pereira, enfermeiro de 1ª

⁴ Arquivos da PIDE apud Leopoldo Amado, *Simbólica de Pindjiguiti na óptica libertária da Guiné-Bissau (Parte I)* (2006). Disponível em: <http://guinela.blogs.sapo.pt/3140.html>. Acesso: 14 de dezembro de 2006.

classe de 52 anos; Inácio Carvalho Alvarenga, 42 anos; Julião Júlio Correia, de 50 anos de idade; Martinho Gomes Ramos de 35 anos; Victor Fernandes, de 30 anos; Bernardo Máximo Vieira, de 33 anos; tendo esses mesmos indivíduos assinado a petição referida no sentido da criação de um clube denominado Clube Desportivo e Recreativo de Bissau, destinado ao desenvolvimento de atividades nativistas, superiormente orientadas pelo engenheiro Amílcar Cabral⁵.

A PIDE não estava equivocada. Hoje se sabe que a experiência do clube foi uma das significativas iniciativas que antecederam e contribuíram para a criação do Partido Africano para Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC). Segundo o próprio Amílcar:

As tentativas de organizações coletivas situam-se a partir de 1953. Os elementos ditos “assimilados” ou “civilizados” organizam-se a princípio nas zonas urbanas. Em 1954 um grupo de nacionalistas da Guiné e de Cabo Verde tinha em vista fundar uma associação desportiva e recreativa, cujo objetivo secreto era o desenvolvimento da luta anticolonial. As autoridades opuseram-se a sua formação com o pretexto de que os estatutos inseriam uma cláusula segundo a qual os “indígenas” podiam ser admitidos como membros. Perante este obstáculo, um grupo de assalariados e comerciantes, funcionários e estudantes criou o MING (Movimento para a Independência da Guiné). Finalmente em setembro de 1956, no meio de uma reunião realizada em Bissau, o MING cede lugar ao PAIGC (apud MELO, 1974: 163).

Muitos dos líderes guineenses das lutas anticoloniais na Guiné-Bissau estiveram envolvidos com as iniciativas de Cabral e/ou com outras agremiações esportivas locais: Bobo Keita, Carlos Correia, Constantino Teixeira e Nino Vieira, entre outros.

Um indício interessante da importância do esporte enquanto espaço de tomada de consciência pode ser visto em um depoimento de Bobo Keita, que chegou a ser jogador da Seleção Provincial da Guiné. Segundo ele, o futebol foi sua via de entrada na política. Keita, inclusive, lembra que já conhecia Cabral dos jogos da Granja do Pessubé, mas que a princípio não ligava o treinador com a imagem do líder que estava à frente dos movimentos de contestação.

Para Keita, um contato mais concreto com a questão da independência se deu quando fora jogar em países que já tinham rompido os laços coloniais, como Gana e Nigéria. Posteriormente, quando teve conhecimento das lutas coloniais, junto com outros sete jogadores:

Deixamos a Guiné no dia 30 de dezembro de 1960 e chegamos a Conacri no dia 12 de janeiro de 1961. O futebol foi nosso trampolim, fomos jogando pelo

⁵ Arquivos da PIDE apud Leopoldo Amado, *Simbólica de Pindjiguiti na óptica libertária da Guiné-Bissau (Parte I)* (2006). Disponível em: <http://guinela.blogs.sapo.pt/3140.html>. Acesso: 14 de dezembro de 2006.

caminho até chegarmos à Conacri. Quiseram integrar-me na Seleção da Guiné Conacri, mas não aceitei, porque o que eu queria era lutar pela independência de meu país (apud LOPES, 2002: 662).

Entre os caboverdianos que se envolveram com as tensões pré-independência, muitos também tinham forte relação com o futebol. Um exemplo é Leitão da Graça, que foi jogador em Mindelo. Um dos motivos de sua ida para Coimbra foi o sonho de integrar uma equipe da metrópole. Em Portugal, chegou a jogar no Sporting, mas imerso no contexto de construção de iniciativas de contraposição toma consciência da situação das colônias e acaba por se engajar nas lutas.

Processo semelhante ocorreu com Manuel Faustino e Silvino Manuel da Luz: do sonho de ser jogador de futebol, o que os levou a se transferirem para Coimbra, à participação ativa em movimentos políticos. O mesmo se passou com o já citado Júlio de Almeida: de goleiro da seleção provincial da Guiné a um dos fundadores do PAIGC. Aristides Pereira chegou a ser dirigente do Boavista de Praia, da Ilha de Santiago.

À guisa de conclusão

Na história de Cabo Verde, aliás, foi comum o envolvimento de intelectuais com a prática esportiva, bem como sua mobilização no âmbito de projetos identitários. Entre outros nomes, podemos citar os de Adriano Duarte Silva, Baltasar Lopes, Gabriel Mariano, entre outros (MELO, 2011).

A diferença é que, no olhar de Amílcar Cabral, o esporte fazia parte de um projeto que forjou uma visão de nacionalismo com base na ideia de africanidade e na reivindicação explícita não só de qualquer autonomia jurídica, mas sim de independência propriamente dita. Devemos considerar que ele foi o:

exponente máximo dessa nova geração, não só por perfilhar a concepção de intelectual engajado, como também por tê-la levado até as últimas consequências (...). As motivações políticas, segundo ele existentes, mesmo que latentes, passariam a influenciar em moldes diferentes dos até então prevalecentes, as produções culturais dos ilhéus (FERNANDES, 2006: 185).

Assim, a concepção de esporte de Cabral estava plenamente articulada com seu pensamento e sua visão estratégica. A questão não é mobilizá-lo em projetos identitários, como fora comum na história caboverdiana, mas sim instrumentalizá-lo a partir de claros intuítos políticos. O intelectual a serviço do povo deve aproveitar as possíveis empatias para implementar o processo de tomada de consciência.

Referências Bibliográficas

BAKER, William J. Political games: the meaning of international sport for independent Africa. In: BAKER, William J., MANGAN, James A. (Eds.). *Sport in Africa: essays in social history*. Nova Iorque: African Publishing Company, 1987. p.272-294.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas. Trajectórias da contestação angolana*. Lisboa: Vega, 1999.

BITTENCOURT, Marcelo. As relações Angola-Brasil: referências e contatos. In: CHAVES, Rita, MACEDO, Tânia, SECCO, Carmen (orgs.). *Brasil-África: como se o mar fosse mentira*. Maputo: Imprensa Universitária/Universidade Eduardo Mondlane, 2003. p.79-110.

BITTENCOURT, Marcelo. Jogando no campo do inimigo: futebol e política em Angola. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte no continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

CABRAL, Amílcar. *A prática revolucionária – unidade e luta II*. Lisboa: Seara Nova, 1977.

DOMINGOS, Nuno. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. *Análise Social*, Lisboa, v.XLI, n.179, p.397-416, 2006.

DOMINGOS, Nuno. Desporto moderno e situações coloniais: o caso do futebol em Lourenço Marques. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte no continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

FAIR, Laura. Ngoma reverberations: Swalihi music culture and the making of the football aesthetics in early twentieth century Zanzibar. In: ARMSTRONG, Gary, GIULIANOTTI, Richard (eds). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. Os estudos do esporte no continente africano. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte no continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, José Vicente. *Cabo Verde: os bastidores da independência*. Praia: Spleen Edições, 2002.

MARTIN, Phyllis M. *Leisure and society in colonial Brazzaville*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MELO, Antônio (org.). *Colonialismo e lutas de libertação – sete cadernos sobre a guerra colonial*. Lisboa: Afrontamento, 1974.

MELO, Victor Andrade de. *Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Apicuri/CNPq, 2011.

PEREIRA, Aristides. *O meu testemunho – uma luta, um partido, dois países*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

RANGER, Terence. Pugilism and pathology: African boxing and the black urban experience in Southern Rhodesia. In: BAKER, Willian J., MANGAN, James. A. *Sport in África: essays in social history*. Nova Iorque: African Publishing Company, 1987.

TOMÁS, António. *O fazedor de utopias – uma biografia de Amílcar Cabral*. Praia: Spleen Edições, 2008.

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte no continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.